



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 12, número 3, set.-dez. 2023

PARA UM ESTUDO DA ESCRITA FEMININA ALÉM DO  
CÂNONE: TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA,  
CARMEN DOLORES E JULIA LOPES DE ALMEIDA



FOR A STUDY OF THE FEMININE WRITING BEYOND  
THE CANON: TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA,  
CARMEN DOLORES AND JULIA LOPES DE ALMEIDA

Julia de Souza LOPES  
Universidade de São Paulo, Brasil

Leandro Estevam GONÇALVES  
Universidade de São Paulo, Brasil

Letícia dos Montes MELO  
Universidade de São Paulo, Brasil

Phablo Roberto Marchis FACHIN  
Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA  
RECEBIDO EM 30/06/2023 • APROVADO EM 07/10/2023  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i3.1003>

---

## Resumo

---

A questão do cânone é antiga e complexa. Ao aprofundar-se nesta problemática, nota-se a escassez de estudos pertinentes à temática e que de fato reconstituem trajetões de escrita para além do que se encontra em manuais de Literatura e outras obras afins. Diante dessa perspectiva, este artigo se utiliza da filologia e da pesquisa bibliográfica para iluminar um caminho possível para o estudo da escrita feminina não canônica. Para isso, delimita-se o olhar para os séculos XVIII ao XX, por meio das autoras Teresa Margarida da Silva e Orta, Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida.

---

## Abstract

---

The canon problem is old and complex. When delving into this issue, it is noticed the lack of studies relevant to the subject and which in fact reconstitute writing trajectories beyond what is found in Literature manuals and other similar works. Given this perspective, this article uses philology and bibliographical research to illuminate a possible path for the study of non-canonical female writing. For this, the look is limited to the 18th to 20th centuries, using the authors Teresa Margarida da Silva e Orta, Carmen Dolores and Julia Lopes de Almeida.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Filologia. Cânone. Teresa Margarida da Silva e Orta. Carmen Dolores. Julia Lopes de Almeida.

**Keywords:** Philology. Canon. Teresa Margarida da Silva e Orta. Carmen Dolores. Julia Lopes de Almeida.

---

## Texto integral

---

### Introdução

*Por mares nunca de antes  
navegados (Camões, Luis. Os  
Lusíadas, 1572)*

De acordo com Muzart, o processo de "canonização é complexo e ligado a muitos fatores, inclusive um que eu chamaria de mesmice, o da facilidade: perseguir o estudo das mesmas autoras já consagradas, já canonizadas. Não se arriscar por mares nunca dantes navegados" (MUZART, 1995, p. 86). O presente artigo, nadando contra a corrente, se arrisca a navegar nesses mares. O estudo do cânone e a escrita feminina no Brasil é um assunto extremamente complexo, que carece de material para auxiliar no seu conhecimento, mas que recentemente tem atraído como um farol pesquisadoras e pesquisadores que possuem como objetivo realizar uma correção histórica, que buscam trazer luz a tantas autoras injustiçadas e esquecidas pelo cânone. Entretanto, é importante ressaltar que não se busca a substituição do consagrado pelo esquecido e que o trabalho apresentado por meio deste artigo faz parte de pesquisa em andamento, procurando posicionar questionamentos e desdobramentos do estudo que possam

contribuir para as questões aqui discutidas. Em um contexto em que o cânone literário brasileiro é predominantemente masculino, já que em todos os movimentos literários que existiram no país há uma quantidade desproporcional de autores em comparação a autoras, devido, principalmente, à obliteração de escritoras do cânone estabelecido pelos grandes historiadores e críticos literários do Brasil. Uma mudança de perspectiva nesse sentido, como afirma Muzart (1995, p. 90), “deverá mudar a historiografia oficial que só levou em conta o corpus de textos canônicos e, mais importante, deverá mudar nossa própria maneira de encarar nossa própria história”, uma vez que uma pesquisa rigorosa pode demonstrar que houve sim uma produção significativa de mulheres, capaz de compor, no mesmo patamar, o conjunto de práticas letradas já consideradas consagradas.

Para este trabalho, delimitou-se a trajetória específica a três autoras: Teresa Margarida da Silva e Orta, brasileira, naturalizada portuguesa, escritora do século XVIII; Carmen Dolores, heterônimo de Emília Bandeira de Melo, brasileira, escritora predominantemente do século XIX; Julia Lopes de Almeida, brasileira, escritora do entresséculos XIX-XX. Esse recorte se pauta em um olhar interdisciplinar entre Literatura, História e Filologia, articulando o viés estético e artístico, pela primeira, com a historicização para verificar a inserção social-cultural dessas mulheres em seu período e o reflexo dessa inserção na contemporaneidade, e a história dos textos, de sua circulação, transmissão e recepção, pela terceira.

É relevante reiterar a dificuldade encontrada em realizar um estudo de pesquisa bibliográfica sem ter uma bibliografia para a qual recorrer. O estudo da obliteração feminina, em específico de Teresa Margarida da Silva e Orta e Carmen Dolores, é pouco trabalhado, sendo necessário maior estudo e dedicação a essas mulheres tão injustiçadas. De outra forma, atualmente, aponta-se uma facilidade em encontrar artigos sobre a Julia Lopes de Almeida, reflexo, provavelmente, da sua inserção no vestibular da Unicamp, um dos mais concorridos do país. Mesmo assim, ainda não é possível comparar sua fortuna crítica, e muito menos das outras primeiras duas escritoras, com a fortuna crítica de mulheres consagradas e parte do movimento modernista nacional, como Clarice Lispector e Cecília Meireles.

O caminho percorrido para a composição deste artigo teve como ponto de partida as diferentes conceituações do que é o cânone, em sequência o estabelecimento da relação entre imprensa portuguesa e a literatura nos séculos XVIII ao XX e, mais tardiamente, entre a imprensa brasileira e a literatura nos séculos XIX e XX; em terceiro lugar, o estudo do letramento feminino e da escrita feminina; em quarto, a verificação da memória e da obliteração canônica, a partir de análises de críticas literárias e histórias da literatura. Por fim, o estudo dos reflexos da (não) canonização no presente, por meio de um levantamento de dados da obliteração da escrita feminina nos principais vestibulares do país, além da perpetuação do comum, do cânone, dentro das salas de aulas do ensino superior na maior Universidade da América Latina, a USP.

## O Cânone

Antes de tratar da obliteração feminina no cânone literário é fundamental entender o que é o cânone em si. Para Bloom (2013), logo no prefácio de *O Cânone Ocidental*, apresenta-se como “o estranhamento, um modo de originalidade que ou não pode ser assimilado ou, então, tanto nos assimila que deixamos de vê-lo como estranho”; já para Feijó (2022, p. 11), é “o elenco de nomes de autores dignos de se ler”; já para Mazzola (2015), em “*A Formação dos Cânones Literários e Visuais*”, o cânone é uma construção histórica, produzida a partir de um discurso foucaultiano, segundo o qual, “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2003, p.9). Ainda segundo Mazzola, o cânone seria definido por meio das tradições de crítica (academia, críticos literários), às instituições de ensino (leitura instituída na escola) e os grupos sociais dominantes (vestibulares e elite). Essa seleção se dobraria em prol de uma lógica de poder e “se configura como procedimento de controle do discurso” (Mazzola, 2015, p.42).

Partindo dessa percepção, o que chama atenção na obliteração das autoras do cânone literário brasileiro é que algumas, Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida, agora esquecidas, mas que estão passando por um processo de alumbramento, eram, em seu tempo, referências e modelos, ou seja, participaram ativamente do controle do discurso regional em que estavam inseridas. Entretanto, ficaram à margem de um discurso maior, em que não eram interessantes mulheres pensantes.

Joaquim Manuel de Macedo, descrito na *Formação da Literatura Brasileira* de Antonio Candido como um poeta menor (Candido, 2000, p. 86), cuja obra teria um “pequeno valor literário” (Candido, 2000, p. 122), enquadra-se no cânone. Em contrapartida, Julia Lopes de Almeida, que não entrou no cânone escrito por Candido, foi tida como romancista superior em um concurso literário de 1909, em posição superior ao Joaquim Manuel de Macedo. Seguem imagens retiradas da *Revista Leitura para Todos*, edição 45, ano de 1909.

<p>CONCURSO N. 80</p> <p>CONTEZIA LITTERARIA</p> <p>—Qual o melhor poeta brasileiro ?          —Qual o melhor jornalista ?          —Qual o melhor comediographo ?          —Qual o melhor romancista ?          —Qual o melhor orador ?          Recebemos a seguinte votação;</p>	<p><i>Para o quarto thema :</i></p> <p>José de Alencar..... 137 votos          Bernardo Guimarães..... 134 »          Aluizio de Azevedo..... 132 »          Machado de Assis..... 131 »          Coelho Netto..... 129 »          D. <b>Julia Lopes</b> de Almeida.. 127 »          Joaquim Manuel de Macedo.. 121 »          Tito Martins..... 104 »          Alencar Araripe..... 102 »          José do Patrocínio..... 101 »</p>
---	---

**Quadro 1:** Resultado de concurso literário de 1909.

**Fonte:** Biblioteca Nacional Digital<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348074&pesq=%22Julia%20Lopes%22&pasta=ano190&hf=memoria.bn.br&pagfis=6308>.

Julia Lopes de Almeida ficou com seis votos à frente de Joaquim Manuel de Macedo e quatro atrás de Machado de Assis. Não é possível afirmar apenas com base em um concurso literário que ela era melhor romancista que Macedo, porém é instigante que a única mulher entre Alencar, Guimarães, Azevedo, Machado e Macedo não foi nem ao menos mencionada na Formação da Literatura Brasileira que agrupa esses nomes.

A partir dessas definições, surgem questionamentos: quem define a norma geral e a regra padrão? O que é estranho ou original? Quem define os nomes dos autores que são dignos de se ler? Por que a inclusão de mulheres no cânone literário seria tão absurda? Quem define o que entra ou não no cânone? E com qual intenção essa seleção é feita?

### **A imprensa e a literatura feminina**

A imprensa e a literatura apresentam conexões fundamentais para a discussão acerca do cânone literário e, por conseguinte, da obliteração feminina. Por isso, para discutir essa questão no contexto luso-brasileiro, é preciso desbravar as origens da imprensa portuguesa, as suas ramificações em periódicos para mulheres e, posteriormente, feitos por mulheres, para então, logo em seguida, adentrar no universo da imprensa brasileira e dos periódicos feministas que no país se estabeleceram.

A imprensa no Portugal dos séculos XVIII, XIX e virada do XX: primeiros periódicos feministas

Em Portugal, foi por meio da *Gazeta de Lisboa* (1715-1760) que se oficializou a imprensa periódica portuguesa. Antes dela, porém, houve, no século XVII, uma certa movimentação de práticas de escrita. As primeiras publicações em periódicos portugueses ocorreram durante os influxos das Guerras da Restauração<sup>2</sup> (1640- 1668). Nesse período, surgiu um maior desejo de acompanhar os acontecimentos políticos e militares vigentes, e, por isso, se fez necessária a criação de um órgão que comunicasse os objetivos propagandísticos da Coroa Portuguesa e “nutrisse a alma patriótica” dos portugueses (DIAS, 2019, p. 28). À época, surgiram outros periódicos que precederam a *Gazeta de Lisboa*, como o *Le Mercvire Portvgais* e o *Mercvrius Ibernicvs*.

Do fim do ciclo da Restauração, em 1668, até o ano de 1715, houve um hiato na imprensa periódica, no qual se propagaram outras formas jornalísticas, como as folhas, as relações e as cartas. Foi no fim desse período em que se gestou a *Gazeta de Lisboa*, que foi fundada enquanto um periódico que “pretendia escrever história” (DIAS, 2019, p. 46), estabelecendo uma comunicação com os extratos sociais mais instruídos e representando as cortes europeias, com um visível esforço em também contemplar a hierarquia nobiliárquica e eclesiástica nacional.

---

<sup>2</sup> As Guerras da Restauração se deram entre Portugal e Espanha.

A *Gazeta* era lida majoritariamente em Lisboa, onde se instalava a elite intelectual do país.

A elite de Portugal no século XVIII era composta pela coroa, pela nobreza e pelo clero. A essa tríade atribuíam-se os valores que deveriam ecoar pelo país, refletidos, inclusive, na literatura que circulava e era publicada. É certo dizer que a publicação de literatura feminina era pequena no século XVIII, mas não inexistente: na edição de número 28 da *Gazeta de Lisboa*, de 17 de agosto de 1752, foi divulgada e elogiada a publicação de *Máximas de virtude e formosura com que Diófanes, Climinéia e Hemirena venceram os mais apertados lances da desgraça*, com autoria de Dorothea Engrássia Taveda Dalmira, pseudônimo de Dona Teresa Margarida da Silva e Orta, uma brasileira naturalizada portuguesa que pertenceu ao movimento dos estrangeirados. A seguir, a transcrição da menção à obra de Orta.

Tambem saiu a luz o livro intitulado Maximas de virtude, e formosura, obra discreta, erudita, politica e moral, em que a sua Autora, se uam estrangeira ao menos perigrina, no discurso, e na elegancia, imita, ou excede ao Sapiientissimo Fenelon na sua viagem de Telêmaco fazendo-se digna das mais atenciozas venerações. Vende-se na logea de Frâncisco da Silva defronte de S. Antonio<sup>3</sup>. (*Gazeta de Lisboa*, 1752, p. 476)

A imprensa feminina nasce antes do feminismo, como afirmou Rosmarie Lamas no livro *Mulheres para além de seu tempo* (1995). Ousar publicar enquanto mulher foi um dos primeiros atos em busca da emancipação feminina. Em virtude disso, deve-se compreender quando a leitura de periódicos tornou-se prática comum aos outros labores femininos e, em seguida, quando as mulheres de fato passaram a publicar seus textos em seus próprios periódicos.

Em 1807, surge o *Correio das Modas*, possivelmente o primeiro periódico dedicado ao público feminino, o que demonstrava que a leitura enquanto prática letrada já fazia parte do cotidiano feminino da elite. Porém, a imprensa feminina portuguesa foi oficialmente inaugurada enquanto movimento emancipatório em 1868, com o periódico *Voz Feminina* (1868-1869) que, sob a gestão do casal Francisca d'Assis Martinz Wood e Guilherme Wood, apresentava novas ideias ao cenário português oitocentista, tal qual a máxima "A mulher livre ao lado do homem livre", publicada na edição de número 51 (3-I-1869). Também menciona-se o periódico *A Mulher* (1883), fundado por Elisa Coadur, que reivindicava a educação feminina e a participação das mulheres na vida pública.

A criação do *Almanach das Senhoras* (1871-1928), sob a responsabilidade de Guiomar Torrezão<sup>4</sup>, foi um movimento de virada na imprensa feminina portuguesa. Ele sobreviveu por quase 58 anos e "consolidou-se como um espaço de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/gazetadelisboa/gazetadelisboa.htm>.

<sup>4</sup> Guiomar Torrezão foi uma escritora portuguesa do século XIX que publicou obras como *O fraco da baronesa* e *As batalhas da vida*.

exercício de solidariedade mútua de mulheres de letras brasileiras e portuguesas” (Araújo, 2008, p. 149).

O feminismo em Portugal ascendeu na primeira década do século XX. Segundo Esteves (2001, p.87), “as mulheres portuguesas, na transição do século XIX, estavam remetidas para um plano de inferioridade legal, social e cultural (...)”. As revistas femininas que surgiram no entresséculos e no início do século XX foram de imensa importância para que os ideais feministas se espalhassem por Portugal, e foi com periódicos como o *Sociedade Futura* (1902-1904), coordenada primeiro por Ana de Castro e posteriormente por Olga de Moraes Sarmiento da Silveira, e o *Alma Feminista* (1907-1908), que esses ideais se consolidaram.

### **A imprensa brasileira e sua relação com o cânone**

Ao refletir o que é o cânone literário brasileiro um caminho necessário passa pelo regresso ao que foi a imprensa no Brasil do século XIX<sup>5</sup>, pois foi o seu advento que possibilitou as publicações que seriam inseridas ou não no cânone. Embora surgida oficialmente em 1808 com a chegada da Família Real Portuguesa, antes disso houve três tentativas, todas falhas, de se instaurar a imprensa na Colônia: em 1706, no Pernambuco, em 1747 no Rio de Janeiro e em 1807, em Minas Gerais. Essas tentativas não tiveram sucesso por um motivo: supressão do Governo Português, pois, de acordo com Lopes (2008, p. 1), “o objetivo da Coroa era manter a Colônia atada a seu domínio, nas trevas e na ignorância. Manter as colônias fechadas à cultura era característica própria da dominação. A ideologia dominante deveria manter o povo ignorante.”

Segundo Carvalho (1996, p.1), há um panorama sobre a liberdade de imprensa que se seguiu a partir de 1821, quando a censura na Imprensa Régia, que estava sob o controle da coroa, teve fim com a saída de D. João VI do Brasil e seu decreto, no dia 2 de março, da abolição da censura à Imprensa, o que possibilitou o surgimento de jornais da oposição, contra a monarquia, que incitavam a Independência: “se vários jornais defendiam a Independência, outros procuravam combatê-la. Nesse período, a imprensa se caracterizava por ser excessivamente doutrinária, relegando a informação para segundo plano.” (LOPES, 2008, p.2). Em 1852, houve a consolidação do Império, a guerra entre jornais da oposição e da Coroa minimizou-se e surgiu um tipo diferente de jornalismo, como o *Jornal das Senhoras*, que trazia cartas de amor e soluções domésticas. Além disso, os periódicos em geral passaram a noticiar fatos do cotidiano e anúncios, “começava a predominar o jornalismo mais conservador, exemplificado, principalmente, pelo *Jornal do Commercio*. Os periódicos atraíam o leitor com os folhetins, que contavam com a participação de escritores da época, como José de Alencar” (LOPES, 2008, p.4).

O autor romântico é um exemplo de escritor canônico presente em todas as histórias da literatura brasileira. O que possibilitou essa canonização? A excelência de sua escrita? A sua escrita romântica em folhetins de jornais conservadores? O auxílio proporcionado por seus romances a não instigar a flama da sociedade

---

<sup>5</sup> Este artigo não se aprofundará na Imprensa Brasileira Oitocentista e por isso alguns elementos importantes foram, infelizmente, deixados à parte. Um exemplo é a imprensa negra do período, feita por libertos.

contra o Império? São perguntas que este artigo não consegue responder, mas que Muzart já indicava um caminho quanto ao estudo do cânone, que “está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros.” (MUZART, 1995, p. 86).

### **A mulher letrada no Portugal do século XVIII**

Discutir a escrita feminina no século XVIII é, primeiro, engendrar no território da educação e do letramento que eram oferecidos às mulheres de elite e, sobretudo, na utilidade prevista a esta educação. O Portugal do século XVIII, no que diz respeito à educação feminina, “inibiu-a (a mulher) na leitura e na escrita” (RIBEIRO, 2002, p. 28), mas também apresentou à mulher uma abertura ao mundo letrado por meio de uma atribuição de função social da educação feminina que se deu através da interligação entre esta e a criação dos filhos: a educação feminina era vista como aparato social para a masculina, ou, como afirmava Sanches em suas *Cartas sobre a educação da mocidade*<sup>6</sup>, “o sexo feminino são os primeiros mestres do nosso” (SANCHES, 1922, p. 190). Acreditava-se, portanto, que a mulher letrada poderia educar melhor os seus filhos homens e, assim, prepará-los mais eficientemente para a vida adulta.

Em 1782, criou-se em Portugal o primeiro colégio para a educação de meninas, no Convento da Visitação. O principal objetivo das freiras em relação a essas meninas, porém, era iniciá-las na vida religiosa, e não prepará-las para a sociedade. Nesse sentido, Lopes, na sua obra *Mulheres, espaço e sociabilidade* (1989), afirma que o que abriu as portas para a educação feminina não foram os colégios em conventos, mas sim a sociabilidade, visto que surgia a necessidade de preparar as meninas para a vida em sociedade, e não somente para a religiosidade.

A educação feminina tornou-se necessária para que as mulheres pudessem conversar melhor, cantar, tocar instrumentos musicais, declamar poesia e dançar, saberes relacionados ao universo feminino setecentista. A mulher, dessa forma, deveria ser letrada por ser a primeira educadora dos seus filhos e companheira do seu marido, tornando-se útil e agradável, servindo, em forma de uma “educação condicionada” (LOPES, 1989, p. 93), como instrumentos para o melhor funcionamento da sociedade.

Alexandre de Gusmão, jesuíta e pedagogo, no tratado *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia* (1685), em específico no capítulo *Do cuidado especial que se deve ter na criação das meninas*, afirma que mulheres deveriam, ao menos, saber ler e escrever, e às religiosas também seria prudente aprender Latim.

### **Teresa Margarida da Silva e Orta: vida, obra e recepção**

Teresa Margarida da Silva e Orta nasceu em São Paulo, no Brasil, em meados de 1711 e 1712. Aos cinco anos de idade, mudou-se para Portugal com seus pais e irmãos, e foi educada junto à irmã mais nova no Convento das Trinas, onde recebeu exímio letramento. Aos dezesseis anos, foi deserdada pelo pai por ter

---

<sup>6</sup> Cartas redigidas entre 1699 e 1783.



se casado com Pedro Jansen Moller, com quem teria filhos e viveria até a morte dele, quando ela reestabeleceria contato com o irmão mais velho, Matias Aires, escritor e autor do livro *Reflexões sobre a vaidade dos homens* (1752).

Publicou, sob o pseudônimo de Dorothea Engrássia Tavadra Dalmira, o romance *Máximas de virtude e formosura com que Diófanes, Climinéia e Hemirena venceram os mais apertados lances da desgraça* (1752), republicado em outras três relevantes edições nos anos de 1777, ainda sob o mesmo pseudônimo, 1790, com autoria atribuída a Alexandre de Gusmão, e 1810, com autoria obliterada, atribuída somente a "huma senhora portuguesa". Somente em 1945, no Brasil, o livro seria republicado outra vez, mas já com autoria atribuída à Orta e com o título de *Aventuras de Diófanes*.

Entre os anos de 1770 e 1777, Orta foi encarcerada no Mosteiro de Ferreira de Alves por mentir ao rei de Portugal, quando escreveria um poema épico trágico, uma novena do patriarca S. Bento, e uma petição feita à rainha D. Maria I. Além desses escritos, também redigiu uma relação e um diálogo quanto aos erros cometidos pelos jesuítas, marca do seu ativismo político.

O romance *Máximas de virtude e formosura com que Diófanes, Climinéia e Hemirena, Príncipes de Tebas venceram os mais apertados lances da desgraça* foi publicado pela primeira vez em 1752, em Portugal, sob o pseudônimo de Dorothea Engrássia Tavadra Dalmira. Após repercussão, recebeu uma reedição em 1777, ainda sob o mesmo pseudônimo, mas com o título de *Aventuras de Diófanes ou Máximas de virtude e formosura com que Diófanes, Climinéia e Hemirena, Príncipes de Tebas, venceram os mais apertados lances da desgraça*. A terceira edição da obra foi publicada em 1790 com o título *Aventuras de Diófanes, Imitando o Sapientíssimo Fénelon na sua Viagem de Telêmaco*, ainda conservando o pseudônimo anteriormente mencionado, mas agora atribuindo a verdadeira autoria a Alexandre de Gusmão, indicado na folha de rosto e em nota integrante do volume. Após esta atribuição, houve uma quarta edição publicada em 1818 com título *História de Diófanes, Climinéia e Hemirena, Príncipes de Tebas*, com um subtítulo designando o autor: "História moral escrita por Uma Senhora Portuguesa". Dada a obliteração de autoria do romance, e apesar de mencionadas por pesquisadores de literatura portuguesa e brasileira, as *Aventuras de Diófanes* caíram no esquecimento por mais de um século, recebendo uma edição crítica apenas em 1945, no Brasil, intitulada de *Aventuras de Diófanes*, com prefácio de Rui Bloem, na qual se alega a autoria de Teresa Margarida da Silva e Orta.

Em relação à recepção de *Aventuras de Diófanes*, observa-se, no estudo de Moizeis Sobreira Sousa (2015), que o romance se encontra na lista dos que mais solicitaram autorização à Censura de Lisboa entre os anos de 1795 e 1907, o que evidencia a sua relevância nesse período.

### **Teresa Margarida da Silva Orta e sua condição de escritora: "não tenho a pena de Homero"**

Teresa Margarida da Silva e Orta era uma mulher da elite portuguesa, que tinha relações próximas com autores portugueses do movimento dos

*estrangeirados*<sup>7</sup>, inclusive com Alexandre de Gusmão, eleito para ser padrinho de um dos seus filhos. Orta circulava no território das letras desde a adolescência, quando foi educada por freiras, junto à irmã mais nova, no Convento das Trinas. Por lá, teria aprendido francês e tido contato com a obra de Fénelon<sup>8</sup>, em quem se inspirou para escrever seu primeiro e único romance, *Aventuras de Diófanes*.

Discutir o letramento de Orta e suas relações pessoais com autores estrangeirados é o caminho inicial a ser percorrido para traçar a identidade de autora de Orta, e para também compreender o que era escrever enquanto mulher no Portugal setecentista. No prólogo de *Aventuras de Diófanes*, Orta se justifica:

Também é certo, que para pintar Majestades me faltam os pincéis de Apeles, e não tenho a pena de Homero; mas como sou estrangeira, tenho visto bastante para poder contemplar soberanas propriedades, assentando em que não há vapores tão elevados, que possam formar sombras na grandeza do Olimpo. (*Obra reunida*, 2002, p. 56)

Nesse trecho, salienta-se a educação de Orta, que demonstrava ter amplo conhecimento do que se chamavam *estudos profanos*<sup>9</sup> (LOPES, 1985), e também sua consciência da condição de estrangeira, colocando-se junto aos estrangeirados da época.

## A mulher no Brasil no século XIX

Para se entender a crítica que a Carmen Dolores faz perante a República e para se entender a própria Carmen Dolores, é preciso antes entender o que foi o Império, o sistema patriarcal e o papel da mulher brasileira nesse cenário. O sistema da família patriarcal foi exemplificado pelo sociólogo Max Weber e exposto por Rezende, no artigo *Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda*, “o chefe de família, o pai ou marido, se apresenta como detentor do poder e sua autoridade é legítima pelo costume, pela tradição, e sua função é manter a paz, a estabilidade e a ordem” (REZENDE, 2015, p. 12), assim escravos, subordinados, agregados, mulheres e familiares, todas as vidas da Casa Grande e da Senzala pertenciam ao senhor feudal.

Durante a transição da Monarquia para a República, houve mudanças de economia, da cana-de-açúcar para o café, porém a forma como a sociedade

---

<sup>7</sup> Os estrangeirados foram um grupo de indivíduos relacionados entre si que partilhavam de um tema comum: a defesa de uma ideologia de progresso portuguesa que abarcasse a economia e a cultura, por meio de um “cruzamento de referências, muitas vezes diagonais, que configuram uma opção cognitiva específica” (CARNEIRO, DIOGO E SIMÕES, 2000), e também “renovar a cultura portuguesa, insuflando-lhe um novo espírito racionalista e, mais que tudo, experimental.” (CORTESÃO, p. 95, 1952). O termo teve origem a partir da ideia de que essas referências viriam, principalmente, do estrangeiro, e tornariam a cultura portuguesa “mundializada”.

<sup>8</sup> François Fénelon é autor de *Les Aventures de Télémaque* (1688).

<sup>9</sup> Estudos profanos eram, segundo Lopes (1985), a educação acerca da cultura greco-latina e portuguesa.

pensava, principalmente acerca das mulheres ou do espaço que era destinado a elas, não mudou.

Carmen Dolores faz várias críticas a República em comparação com o sistema anterior, o Império, que perpetuou o período colonial no Brasil. O sistema patriarcal veio com a colonização do Brasil nos séculos XV e XVI, tendo o homem como centro do universo, embasado por correntes como Humanismo, a má interpretação do movimento tornou as mulheres ainda mais submissas na sociedade, devendo obediência ao homem, ao patriarca, seja o marido ou o pai. Em *A família colonial e a construção do Brasil: vida doméstica e identidade nacional em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nestor Duarte*, Itaboraí expõem que em a Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, há a conhecida descrição da família patriarcal colonial brasileira, uma família chefiada por um patriarca que detém poder sobre seus filhos, esposa, parentes, agregados e escravos.

No século XVII temos a corrida do ouro em Minas Gerais, em que se inicia o processo da urbanização no país, e a partir do século XVIII, no Brasil, a diminuição da mão de obra escrava e a migração masculina permitiram que as mulheres começassem a exercer outras funções, além dos cuidados com a casa e os filhos, já que de acordo com os valores tradicionais, as mulheres, de classe social elevada, não poderiam exercer atividades remuneradas e os papéis de gênero eram fixos.

A vinda da República definiu mudanças na sociedade: a urbanização cresceu, houve uma quantidade maior de trabalhos assalariados e os ideais liberais e democráticos trouxeram o foco na igualdade, houve a escolarização e a profissionalização da mulher, ressaltando que as mulheres sempre trabalharam, porém agora teriam a legalidade.

Em *Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entre entresséculos (1890-1930)* de Eleutério (2005, p.18), há a defesa que o espaço que era dado às mulheres intelectuais era bem restrito: espaços privados, diários e cartas entre amigas. Na República o sistema permitiu que a mulher se alinhasse ao ideário republicano "exército contra o analfabetismo", que foi, na realidade, permitido por ser uma extensão social do cuidar dos filhos, uma extensão do patriarcado. Entretanto, algumas mulheres utilizaram essa oportunidade para, além de escrever textos pedagógicos e literatura escolar, escreverem também literatura adulta, como romances, contos e crônicas. É nesse contexto que entra Carmen Dolores.

### **Carmen Dolores: biografia e recepção**

Hellmann (2015), uma das poucas pesquisadoras de Carmen Dolores, em sua tese de doutorado traz informações relevantes acerca da autora: Emília Moncorvo de Figueiredo nasceu em 11 de março de 1852, na capital brasileira, Rio de Janeiro, usando-se da voz de Carmen Dolores, um de seus pseudônimos, ela se descreve autobiograficamente, no jornal *O Paiz*, sua educação não convencional em comparação com a educação destinada às meninas de sua época, pois a educação das mulheres no século XIX restringia-as às atividades que fossem úteis na vida doméstica, o espaço que era pré-determinado a elas.

Hellman também diz que Carmen Dolores foi o nome sob o qual Emília, senhora da sociedade de ascendência aristocrática, assinou a maior parte de sua produção escrita. Prestigiada cronista no início do século XX, contribuiu com diversas publicações, ocupando lugar de destaque no jornal *O Paiz*, o periódico de maior tiragem e circulação na América do Sul nesse período. A principal fonte para se conhecer a escritora são seus próprios textos.

No século XIX, havia uma crença da incapacidade intelectual e produtiva das mulheres, originada de uma sociedade machista patriarcal. Assim, mulheres da elite, como Emília, podiam receber até certo grau de instrução por meio de professores particulares, mas nada que fugisse do habitual. Essas jovens mulheres aprendiam sobre a administração da vida doméstica, como manter a higiene da casa, habilidades sociais para lidar com criados, como se comportar nos salões e tocar algum instrumento musical, o campeão dos instrumentos era o piano. Carmen Dolores, além das habilidades artísticas sabia lidar com as palavras, era fluente em inglês e francês. O trecho seguinte traz uma homenagem que a escritora Júlia Lopes de Almeida escreveu para a Carmen:

Com a sua ilustração, mais de uma vez Carmen Dolores nos afirmou nas suas crônicas ter estudado como um homem e com os melhores mestres do seu tempo, tendo concluído cedo os preparatórios que lhe dariam ingresso em qualquer das nossas escolas superiores, se a isso ela se tivesse proposto, aliás provada à saciedade nos seus escritos; com a sua observação da vida, o seu talento excepcional, o seu temperamento vibrátil, a sua coragem de lutadora e a sua capacidade de trabalho, Carmen Dolores ter-nos-ia legado, a par do nome de jornalista brilhante que deixou, uma obra prodigiosa, se acaso tivesse começado a trabalhar aos vinte anos. Houve ao menos, na sua demora em entrar para a carreira literária que tão ardentemente a solicitava, a glória de ter começado como bem poucas vezes acabam, mesmo os que nela mais lidam e mais se esforçam: - magnificamente (ALMEIDA, 1910, p.1).

Emília casou-se aos 15 anos com Jeronymo Bandeira de Melo. Ele cursou a faculdade de direito, em Recife, onde se bacharelou em Ciências sociais e jurídicas. Tornou-se um dos 100 maiores acionistas do Banco do Brasil em 1870. Com o advento da República houve a fusão entre dois grandes bancos da época, fazendo com que investidores que tinham seu dinheiro nesses locais tivessem seu dinheiro retido. Em 1890, sua família perdeu todo seu dinheiro. Jeronymo faleceu em 1886, quando Emília tinha apenas 34 anos, que nunca arranjou um novo casamento, pelo menos não com um homem físico, mas sim com a literatura. Dessa forma, Emília começou a escrever e a receber por isso, sustentando sua família.

Escrevia para vários periódicos, com essas escritas lançou seu primeiro livro de contos: *Gradações/ Páginas Soltas*, publicado em 1897. Ela escrevia sempre em suas colunas, porém começou a publicar livros com 45 anos, o grande romance e resumo de sua obra é *Um Drama na Roça*, publicado em 1907, mostrando a autora sensível às dificuldades e aos dramas femininos.

Carmen Dolores também escrevia contos infantis, lançou um livro *Lendas Brasileiras* - Coleção de 27 contos para crianças, em 1908, que surpreendeu o

público, coletando histórias infantis da oralidade e transcritas numa linguagem simples e acessível. Outras obras, contos lançados no folhetins como a crônica *natal* publicada em 1904, assinada por Leonel Sampaio, entrou na coletânea de crônicas chamada *ao esvoaçar da ideia*.

Em 1910 escreveu *A Luta*, seu único romance considerado naturalista, que traz à tona todo seu anseio feminista de uma sociedade mais igualitária, feminista, criticando sempre a elite econômica e intelectual.

Dolores foi uma mulher à frente de seu tempo, num período de otimismo irreflexivo, mostrou-se atenta às dificuldades enfrentadas pelas mulheres e às diferentes realidades sociais e a partir de suas experiências, compunha contos, crônicas, romances e teatros.

### **Carmen Dolores e seu protagonismo**

A escrita da mulher na República Velha, século XIX, após a proclamação da república, entrou em pauta, junto com outros diversos temas de ordem social, por causa da inspiração iluminista, positivista e por causa da abolição da escravatura, essa ao menos no papel, entre outras correntes. Buscava-se o progresso modernista, porém houve pautas que ficaram marginalizadas, como a reinserção na sociedade dos escravos libertos e o papel social da mulher na República, segundo Eleutério “a imprensa tem em sua pauta diária dois temas dos mais importantes na redefinição dos papéis sociais da mulher: o voto feminino e o divórcio” (ELEUTÉRIO, 2005, p.223), esse último que foi evidenciado pela autora pesquisada para este trabalho, Carmen Dolores.

Depois de viúva, já na prática da arte da escrita, dedicou-se ainda mais a escrever, tanto que sustentou sua casa e seus filhos por meio do seu trabalho. Vale ressaltar que nesse período, em torno de 1870 até o início do século XX, a mulher não podia trabalhar. Certamente Carmem foi uma mulher à frente de seu tempo, e em suas crônicas escritas para os jornais *O Paiz e Correio da Manhã*, era possível notar que ela abordava diversos temas, desde os comuns, do cotidiano até histórias de amor, ciúmes, traição e ineditismo, como por exemplo *Passeio ao cárcere*, em que entrevistava os detentos.

Carmem Dolores escreveu vários romances, peças teatrais e obras de crítica literária, mas como cronista ela atingiu o máximo da sua popularidade e alcançou o reconhecimento do brilhantismo da sua escrita ao conseguir penetrar a bolha da elite intelectual com as suas críticas literárias.

Carmen Dolores não foi a primeira a falar sobre o divórcio no Brasil, porém foi a mulher que mais falou sobre o tema, o que abriu palco para as escritoras posteriores a ela, a exemplo de Júlia Lopes de Almeida e sua própria filha, Cecília Moncorvo Bandeira de Melo, que tinha o pseudônimo Chrysantheme.

Assim, retoma-se que o que era permitido para as mulheres intelectuais da época, ao trabalharem, era a escrita para crianças, educando-as com livros infantis, o que era uma extensão da casa e do lar. A partir do momento que essas escritoras começam a escrever sobre outros temas, compram-se intrigas, pois elas saíram do espaço que foi concebido para elas, um espaço ditado por homens, que viria a ser o cânone. No caso da Carmem Dolores, essa inserção no mundo literário foi fundamental para sua sobrevivência, em Soihet, há uma passagem de Carmen no

no *Correio da Manhã*: “resolvi abraçar a carreira literária por necessidade”(SOIHET, 2001, p. 100) quando se encontrou sozinha e com três filhos pequenos para alimentar, assim, diante desse desafio, Carmen continuou escrevendo para se sustentar enquanto se preocupava com a emancipação feminina.

Carmem Dolores começou a publicar com pseudônimos, de acordo com Hellmann (2015, p. 134) a razão girava em torno da necessidade de esconder sua verdadeira identidade a fim de proteger sua vida pessoal e familiar, além de evitar perseguição política. A autora inicia suas escritas como Júlio de Castro, Mário Villar e Leonel Sampaio, depois assume o de Carmen Dolores. A princípio, Emilia demorou a ser aceita e ganhava pouco, mas com o tempo foi ganhando prestígio da sociedade intelectual. Ela começou publicando contos e chegou à crônica, e ocupou um espaço privilegiado ao ter duas colunas inteiras na primeira página dos jornais de todos os domingos sobre assuntos contemporâneos da época.

Carmen escreveu para diversos periódicos e chegou a ser uma das escritoras mais bem pagas de seu tempo. Além dos temas acerca do divórcio e da emancipação feminina que estava diariamente na pena da escritora, havia também outros tipos de artigos, como um que fala do carnaval e outro que era uma campanha contra o aterramento do Morro do Santo Antônio, além de escrever sobre a viuvez, a finitude da beleza, a velhice, a sobrevivência e o desalento da solidão que ela mesma vivenciou. Outro tema relevante que demonstra o quanto Carmen estava à frente de seu tempo era a abordagem insistente que fazia sobre o consumismo desenfreado ao comparar a cultura francesa, que ela bem conhecia, aos comportamentos brasileiros advindo da norte-americanização. Essas críticas são um espanto por serem veiculadas no ano de 1898.

## **A mulher letrada no Brasil na virada do século XX**

O início do século XX foi agitado no Brasil e no Mundo. O primeiro quartel ficou conhecido como o período literário do pré-modernismo<sup>10</sup>, com influências da Europa, o movimento é marcado, principalmente, pelo ecletismo. Além do movimento literário, as tensões políticas internas estavam em alvoroço: em 1910, no Rio de Janeiro, a Revolta da Chibata agitava a capital e a cidade de maior relevância cultural na época; em 1922, a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, também agitava as ruas do Rio e em São Paulo, o burburinho por causa da Semana da Arte Moderna, que inaugurou oficialmente o Modernismo no Brasil; e muitos outros movimentos de caráter político e social movimentavam a Velha República. Externamente a situação não era diferente: de 1914 a 1918 o mundo viu estourar a Primeira Guerra Mundial, com Alemanha e Áustria guerreando contra a Grã Bretanha, a França, a Rússia e, mais tardiamente, os Estados Unidos. A mulher europeia, antes na “esfera privada, a casa, domus, gineceu, lugar considerado inscrito na sua própria natureza, legitimado desde sempre pela ciência masculina” (NEVES, 2015, p.71), se via, durante a Guerra,

---

<sup>10</sup> O termo Pré Modernismo foi criado por Tristão de Ataíde, em 1939, para designar o período cultural brasileiro que vai de 1901 a 1922. Para maiores informações recomenda-se a leitura de *O Pré Modernismo* de Alfredo Bosi.

atuando como enfermeira, uma ampliação de seu papel de mãe, em uma espécie de *maternidade social*<sup>11</sup>. Esse deslocamento do espaço privado trouxe diversas consequências para a sociedade patriarcal, uma delas foi a maior exposição e o protagonismo feminino.

Nas artes e letras, há a consolidação de mulheres feministas escritoras, que foram mediatamente influenciadas por essa autonomia<sup>12</sup>. No Brasil, o feminismo ainda estava dando seus primeiros passos e a luta pela emancipação feminina seguia outros caminhos, de forma relativamente distinta do que ocorria na Europa, pois, segundo Zuleika Alambert (1987), escritora, deputada e uma das primeiras mulheres a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo, na introdução de *A Mensageira: Uma Contribuição Feminista*, as condições econômicas, políticas-sociais e culturais no Brasil do século XX eram diferentes das condições de outros países, e os reflexos dessas condições na vida da mulher brasileira e seu grau de consciência para transformá-la também. É preciso lembrar que o Brasil do começo do século XX é um país recentemente liberto do regime escravocrata, que viu toda sua estrutura político social se modificar em menos de 20 anos, com novos ideais liberais e democráticos, além de uma nova concepção de igualdade, onde o conhecimento torna-se libertário. Assim, é instigante pensar em como fica a mulher letrada brasileira nesse cenário.

A trajetória da mulher letrada é em sua grande maioria curta, com escritos aqui e ali, cartas para colegas, receitas e um breve auxílio na educação de seu filho. O novo ideário republicano, baseado em Augusto Comte, que tinha como objetivo a implantação de escolas “para retirar o Brasil do atraso educacional, promovendo o seu desenvolvimento e progresso industrial” (CLARK, 2006, p. 6), mostrou-se alinhado a expansão dos afazeres femininos, já que por necessidade de alfabetização massiva, houve a possibilidade da mulher atuar como professora e ela “escreve textos pedagógicos e de literatura escolar, traduz e compõe versos singelos para as crianças declamarem.” (ELEUTÉRIO, 2005, p.18). Entretanto, isso só foi possível porque escrever como profissão para a mulher do século XX é a extensão das funções de mãe e esposa, é uma *maternidade social* e por isso é melhor aceito na sociedade. A revista feminista *A Mensageira*, criada pela poetiza Priscilliana Duarte de Almeida, em 1897, um pouquinho antes da virada do século, é um exemplo da luta feminista das mulheres brasileiras da época. Contribuíram para a revista as mulheres, em geral da classe alta e apoiadas pela “presença do homem que lhe está mais próximo: o pai, o irmão, o marido” (ELEUTÉRIO, 2005, p.19). Esse apoio foi importante por possibilitar que essa minoria de mulheres intelectuais escrevessem sobre as lutas femininas e por meio da “*A Mensageira*”, esses comentários e reflexões chegassem aos espaços privados de mulheres com uma rede menor de apoio. Diversos temas eram abordados na revista, entre eles a abolição da escravatura, a necessidade do voto feminino e a importância da mulher intelectual e sua inserção no mercado de trabalho. Como é

---

<sup>11</sup> Helena Neves utiliza e exemplifica melhor o termo na página 74, da Revista República, vol.14, 2015, no artigo *Mulheres na Primeira Guerra Mundial: Mudança e Permanência*.

<sup>12</sup> Exemplos de mulheres escritoras que se descobriram durante a 1ª Guerra Mundial podem ser consultadas no artigo: *Mulheres na Primeira Guerra Mundial: Mudança e Permanência* da professora Helena Neves.

possível verificar no primeiro artigo de Julia Lopes de Almeida para a primeira edição da revista em 1897, artigo este denominado “Entre amigas”:

Os povos mais fortes, mais práticos, mais activos, e mais felizes são aquelles onde a mulher não figura como mero objecto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitndes da vida com uma profissão que ampare num dia de lucta, e uma boa dose de noções e conhecimentos solidos que lhe aperfeiçõem as qualidades moraes. (ALMEIDA, 1987, p.3)

### **Julia Lopes de Almeida: uma breve biografia**

Julia Lopes de Almeida nasceu em 24 de setembro de 1862 na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu, em 1934. Passou sua infância em Campinas, no interior de São Paulo, filha do Dr. Valentim José da Silveira Lopes (1830-1915), professor e proprietário do Colégio Humanitas para meninas. Apesar disso, teve sua educação em casa, com aulas particulares e auxílio de sua irmã mais velha, a também escritora, Adelina Lopes Vieira.

Em 1887, aos 25 anos, casou-se, em Portugal, com o escritor Filinto de Almeida. Tornou-se altamente influente no meio literário e reconhecida como “afamada escritora”<sup>13</sup> (Jornal do Commercio/RJ, 1899) e “uma artista que qualquer literatura se poderia orgulhar”<sup>14</sup> (Jornal do Commercio/RJ, 1898). Julia escreveu mais de 40 títulos entre contos, ensaios, romances, peças dramáticas, livros infantis e artigos para revistas.

Entre seus escritos, a presença de diálogos e monólogos satíricos alternadamente falados entre esposas e maridos é comum, também há críticas à sociedade burguesa da Belle Époque Brasileira, discursos feministas e abolicionistas.

### **Julia Lopes de Almeida e a sua escrita**

Em uma entrevista realizada por João do Rio, em 1908, Julia fala sobre sua iniciação no mundo das letras. É possível observar que para ela o papel da escrita sempre teve fundamental importância, filha de um professor, irmã de uma poetisa, Julia sempre se viu entre livros e letras. Essa paixão, quando moça, no entanto, era reprimida.

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-

---

<sup>13</sup> Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_08&PagFis=28581&Pesq=%2022Julia%20Lopes%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_08&PagFis=28581&Pesq=%2022Julia%20Lopes%22).

<sup>14</sup> Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_08&pasta=ano%20189&pesq=%22Julia%20Lopes%22&pagfis=32602](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_08&pasta=ano%20189&pesq=%22Julia%20Lopes%22&pagfis=32602).



me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas...

De repente, um susto. Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando volta à chave da secretária: já vai! já vai! (RIO, 1908, p.23)

Seguindo na entrevista, Julia fala que em determinado momento de sua escrita furtiva, é pega em flagrante, sua irmã como que por brincadeira entrega os versos ao pai e Julia diz que “Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias” (ALMEIDA in RIO, 1908, p.24). Essas “coisas feias” seria a escrita, os versos, os poemas. Para Julia era ilegal, imoral, ser pega escrevendo. Por que esses medos? Mais para frente vemos sua angústia: “fiquei esmagada. Que fazer para apagar aquele grande crime?” (RIO, 1908, p.24). Por que Julia considerava sua escrita um crime? O pai, contra tudo que Julia acreditava, ao invés de puni-lá, a incentivou:

No dia seguinte fomos ver a Gemma Cuniberti, lembra-se? Uma criança genial. Quando saímos do espetáculo, meu pai deu-me o seu braço. — Que achas da Gemma? — Um grande talento. — Imagina! O Castro pediu-me um artigo a respeito. Ando tão ocupado agora!

Mas o homem insistiu, filha, insistiu tanto que não houve remédio. Disse-lhe: não faço eu, mas faz a Júlia...

Minha Nossa Senhora! Pus-me a tremer, a tremer muito. O pai, esse, estava impassível como se estivesse a dizer coisas naturais: — Estamos combinados, pois não? O prometido é devido. Fazes amanhã o artigo. Sei lá o que respondi! O certo é que não dormi toda a noite, nervosa, imaginando frases, o começo do artigo. Pela madrugada julgava impossível escrevê-lo, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: — Vê lá, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse. Sentei-me. E escrevi assim o meu primeiro artigo... Só mais tarde, muito mais tarde, é que vim a saber a doce invenção de meu pai. O Castro nunca exigira um artigo a respeito da Gemma... (RIO, 1908, p. 24.)

Julia publicou, aos 19 anos, em 1881, seu primeiro artigo em um jornal conceituado: A Gazeta de Campinas por causa do auxílio e incentivo do pai. Essa porta aberta foi bem aproveitada. Seguindo o ideal masculino que seu pai lhe proporcionou, Julia casou-se com Filinto, que a incentivava ainda mais. João do Rio quando fez a entrevista em 1908 tem um breve diálogo com o escritor:

— Há muita gente que considera D. Júlia o primeiro romancista brasileiro.

— Filinto tem um movimento de alegria.

— Pois não é? Nunca disse isso a ninguém, mas há muito que o penso. Não era eu quem devia estar na Academia, era ela. (RIO, 1908, p.29)

Filinto menciona o fato de Julia, uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, não possuir uma cadeira nela. Esse fato tornou-se uma injustiça histórica e uma representação direta da opressão sofrida pelas mulheres intelectuais no entresséculos (XIX-XX) (ELEUTÉRIO, 2005, p.81).

Dando continuidade, João pergunta à Julia como é o seu processo de escrita, como surgem os romances e Julia fala sobre seu processo de escrita literária:

— Como faz os seus romances, D. Júlia?

— Aos poucos, devagar, com o tempo. Já não escrevo para os jornais porque é impossível fazer crônicas, trabalhos de começar e acabar. Idealizo o romance, faço o canevas dos primeiros capítulos, tiro uma lista dos personagens principais, e depois, hoje algumas linhas, amanhã outras, sempre consigo acabá-lo. Há uma certa hora do dia em que as coisas ficam mais tranquilas. É a essa hora que escrevo, em geral depois do almoço. Digo as meninas: — Fiquem a brincar com os bonecos que eu vou brincar um pouco com os meus. Fecho-me aqui, nesta sala, e escrevo. Mas não há meio de esquecer a casa. Ora entra uma criada a fazer perguntas, ora é uma das crianças que chora. Às vezes não posso absolutamente sentar-me cinco minutos, e é nestes dias que sinto uma imperiosa, uma irresistível vontade de escrever...

— E apesar disso, diz Filinto, tem doze volumes publicados e começa a escrever um grande romance. (RIO, 1908, p. 31.)

É possível aferir assim que o pré-modernismo, um período literário tão esquecido pela nossa literatura canônica, possui uma grande escritora. Entre muitos de seus escritos, é possível legitimá-la como feminista, abolicionista e libertária. Sua grandeza reconhecida em sua época não a incapacitou do esquecimento e assim surgem os questionamentos. Por que essa mulher, então, ficou de fora do cânone literário?

### **As histórias da literatura brasileira e a obliteração de mulheres escritoras**

Aqui se propõe fazer uma série de constatações acerca do cânone: como o cânone é definido? De onde veio esse cânone? Se quero aprender tudo sobre literatura, o que eu leio? A busca por respostas contou com a leitura de seis materiais que apresentam histórias da literatura brasileira, sendo em ordem cronológica: José Veríssimo, 1905 e 1916; Arthur Motta, 1930; Nelson Sodré, 1938; Afrânio Coutinho, 1955, Antonio Candido, 1957 e Alfredo Bosi, 1970.

A leitura dessas histórias da literatura ficou centralizada no século XIX, para uma delimitação de *corpus*, buscava-se encontrar referências teóricas acerca da escrita das mulheres citadas acima, tendo em vista que foram precursoras do feminismo, intelectualmente ativas e trabalharam com a escrita antes mesmo do voto feminino. Os resultados não foram satisfatórios, porém já eram esperados: dos seis, três citam Julia e Carmen, com palavras que se unidas não dão três linhas, foram estes: José Veríssimo, Afrânio Coutinho e Nelson Sodré.

No caso do Veríssimo, a citação não ocorreu na obra *História da Literatura Brasileira de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, mas sim em *Estudos de Literatura Brasileira, 5ª série*, no qual separa um capítulo, o décimo, para tratar

exclusivamente do romance “A Falência”, de Julia Lopes de Almeida. Já em Coutinho, em *A Literatura no Brasil, volume II*, primeira edição de 1955, há no capítulo sete, denominado *O conto, do realismo aos nossos dias*, a citação de Julia Lopes de Almeida e de Carmen Dolores como um elogio do que o literato considera “páginas de perfeita atualidade”, nessa edição ainda, há o retrato de Julia, na página 304. Em Sodré, na 10ª edição de 2004, Julia é citada duas vezes: na página 484, em uma nota de rodapé, juntamente com Carmen Dolores e depois na página 545, onde o autor descreve a escrita da Julia como um quê de certa “gratuidade”. Há nessa mesma página três linhas que mencionam a biografia da autora. Não houve pronunciamento acerca de Teresa Margarida da Silva e Orta nas histórias da literatura brasileira selecionadas, provavelmente porque a autora, nascida brasileira, foi naturalizada portuguesa e publicou somente em Portugal.

Ao efetivar as leituras, é percebido que Antonio Candido deixou um limbo na história da literatura, partindo do Romantismo diretamente para o Modernismo. O que houve com os pré-modernistas na visão do Candido? No artigo *O ‘vazio cultural’ ou o pré-modernismo em Antonio Candido*, da mestra Vanessa de Paula Hey, essa pergunta é respondida.

Poderíamos dizer que Candido não dedica, portanto, um estudo exclusivo ao pré-modernismo. Quando sobre ele discorre, o faz para antecipar a discussão que parece realmente lhe importar, a saber, a discussão sobre o movimento modernista, fazendo com que as correntes que o antecederam sejam pouco valorizadas, não apenas em relação ao Modernismo, mas também, em nosso sistema literário como um todo. (DE PAULA HEY, 2021, p.105)

Assim, percebe-se que não só mulheres escritoras do final do século XIX e do começo do XX foram obliteradas, mas um movimento inteiro, em prol do que se tornou o que mais há de canônico na literatura brasileira: o modernismo.

### **O cânone e a obliteração feminina nos vestibulares da USP e da UNICAMP**

Para além da obliteração de todo um movimento literário, a questão das mulheres esquecidas, como mencionamos no início deste artigo, é uma temática recentemente levantada. Questionamentos como “por que a escrita feminina não é abordada na crítica textual? Ou na educação básica? Ou nas Universidades?” estão sendo feitas por pesquisadores de diferentes perspectivas da área da Literatura.

Sobre a obliteração de mulheres brasileiras não canônicas na crítica textual é possível aferir, segundo Muzart, que os periódicos encarregados preferem em geral analisar estrangeiros traduzidos e que “Só os escritores mais conhecidos obtêm guarida em suas páginas. É raríssimo aparecer um escritor brasileiro desconhecido” (MUZART, 1995, p. 85). Se para os homens é difícil receber conhecimento na crítica brasileira, quem dirá as mulheres, que sempre foram marginalizadas. Assim, para este artigo, definiu-se também como importante compreender a obliteração feminina a partir das leituras obrigatórias para o ingresso de duas universidades brasileiras: a USP e a UNICAMP.

De acordo com Muzart (1995, p.85), a universidade brasileira é “mestra em perpetuar a mesmice: os mesmos, sempre os mesmos escritores nos mesmos

programas”, diz ainda que a Universidade prefere permanecer nos canonizados, a exemplo Guimarães Rosa e Clarice. Assim, coletaram-se dados das leituras obrigatórias da FUVEST, o vestibular para o ingresso na Universidade de São Paulo (USP), de 2023 a 2026 e dados das leituras obrigatórias da COMVEST, o vestibular para o ingresso na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), de 2023 a 2026. Os resultados obtidos foram:

<b>FUVEST</b>	<p><b>2023</b> - 9 leituras obrigatórias, 8 autores, 1 autora, sendo esta Cecília Meireles.</p> <p><b>2024</b> - 9 leituras obrigatórias, 8 autores, 1 autora, sendo esta Cecília Meireles. <b>2025</b> - 9 leituras obrigatórias, 8 autores, 2 autoras, sendo estas Cecília Meireles e Ruth Guimarães.</p> <p><b>2026</b> - 9 leituras obrigatórias, 8 autores, 1 autora, sendo esta Ruth Guimarães.</p>
<b>COMVEST</b>	<p><b>2023</b> - 10 leituras obrigatórias, 7 autores e 3 autoras, sendo estas Paulina Chiziane, Lygia Fagundes Telles e Julia Lopes de Almeida.</p> <p><b>2024</b> - 9 leituras obrigatórias, 6 autores e 3 autoras, sendo estas Paulina Chiziane, Lygia Fagundes Telles e Conceição Evaristo.</p> <p><b>2025</b> - 9 leituras obrigatórias, 7 autores e 2 autoras, sendo estas Paulina Chiziane e Conceição Evaristo.</p> <p><b>2026</b> - 9 leituras obrigatórias, 7 autores e 2 autoras, sendo estas Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie</p>

**Quadro 2:** Dados coletados de vestibulares - Fuvest e Comvest.

**Fonte:** levantamento realizado pelos próprios autores.

A partir desses dados é possível verificar a obliteração feminina nos dois maiores vestibulares para ingresso em Universidades Estaduais do país, conseqüentemente afere-se a mesma obliteração nos cursinhos pré-vestibulares e na educação básica que, em teoria, preparam os estudantes para prestarem esses concursos e utilizam essas leituras obrigatórias, mas possivelmente não só, para o ensino da literatura. É possível aferir também uma maior preocupação da UNICAMP em adicionar mulheres em seu vestibular, em contrapartida, temos a USP, a maior Universidade da América Latina, que não parece preocupada em inserir mulheres em seu cânone, o que é uma lástima visto sua influência no ensino no Brasil.

### **No mar desconhecido, há um farol: considerações finais**

A questão do cânone é (in)cômoda, antiga, persistente e irritante. Como incluir as esquecidas no cânone literário ou pelo menos alçá-las a outro patamar, de maior reconhecimento? Como este projeto mostrou, há diversas formas de

reconstituir a exclusão, porém e como alcançar a inclusão? É possível delimitar a questão da inclusão das mulheres escritoras em três tópicos: o primeiro seria a inclusão de escritoras não canônicas nas histórias da literatura, ou seja, em movimentos literários e na crítica textual; o segundo é ativamente abordar e trabalhar as autoras e suas obras, nas universidades, nas escolas e em toda a grade curricular obrigatória elaborada pelo Ministério da Educação e Cultura e o terceiro eixo seria a elaboração e divulgação de eventos acadêmicos, culturais e didáticos para todas as camadas sociais com abrangência de autoras que, em outros cenários, foram obliteradas.

Neste artigo, oferecemos um passo importante nessa trajetória para a tentativa desse reconhecimento. Procuramos destacar o papel da imprensa como local das práticas literárias e como meio de circulação e alcance para as camadas letradas de diferentes épocas e regiões, tanto em Portugal quanto no Brasil, demonstrando com estava atrelada à literatura, sendo de muita relevância a discussão acerca do cânone e, por conseguinte, da participação feminina. Da mesma forma a necessidade de desbravar as origens da imprensa portuguesa e brasileira, as suas ramificações em periódicos para mulheres, para adentrarmos no universo da imprensa brasileira e dos periódicos feministas que no país se estabeleceram.

Importante também nesse percurso é compreender o papel da mulher letrada e escritora ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, sua forma de educação e situação social. Para isso, buscamos ilustrar esses cenários com três casos exemplares, Teresa Margarida da Silva e Orta, Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida, cada qual, no seu tempo e com destaque, embora tenham feito uso da escrita para compor uma prática que até então era dominada por homens, acabaram por serem deixadas de lado do cânone.

Para verificar as implicações desse apagamento literário no contexto atual, foi essencial também compreender como isso se dá nos dois maiores concursos vestibulares do país, o da USP e o da UNICAMP, os quais mantêm na lista de livros obrigatórios a predominância de autores homens que já fazem parte do cânone, com a presença de raras mulheres.

Retomando o ponto de partida deste artigo ao tratar do cânone e da obliteração feminina na literatura, ainda há um longo caminho a ser percorrido, uma vez que a "mesmice, o da facilidade: perseguir o estudo das mesmas autoras já consagradas, já canonizadas" e o "Não se arriscar por mares nunca dantes navegados", alertadas por Muzart (1995, p. 86), ainda têm sido a lógica predominante atual, seja nos manuais de literatura, seja nos concursos vestibulares e até nos cursos de graduação.

Continuaremos, portanto, nadando contra a corrente, nos arriscando a navegar em mares ainda desconhecidos, em busca de produzir material e fontes de estudo para a melhor compreensão da escrita feminina para além do cânone.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9453, 23 de agosto de 1910, p. 1.

ALMEIDA, Julia Lopes de. *Entre amigas*. In: *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira, directora Presciliana Duarte de Almeida*. — Edição fac-similar / com comentários de Zuleika Alambert. Imprensa Oficial do Estado São Paulo, São Paulo, 1987.

ALAMBERT, Zuleika. *A Mensageira: Uma Contribuição Feminista*. In: *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira, directora Presciliana Duarte de Almeida*. — Edição fac-similar / com comentários de Zuleika Alambert. Imprensa Oficial do Estado São Paulo, São Paulo, 1987.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: Tessituras de Ignez Sabino e Délia*. 2008. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2008.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. 2 ed. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores. 2011.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 1970. BOSI, Alfredo. *O pré modernismo: a literatura brasileira*. vol. 5. 3 ed. Cultrix, São Paulo.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. vol. 2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula; SIMÕES, Ana. *Imagens do Portugal setecentista: textos de estrangeirados e de viajantes*. *Penélope*, 22, 2000. p. 73-92.

CARVALHO, Kátia de. *Imprensa e informação no Brasil, século XIX. Ciência da informação*, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/643>. Acesso em: 6 de jun. 2023.

CLARK, Jorge Uilson. *A primeira república, as escolas graduadas e o ideário do iluminismo republicano: 1889-1930*. *Rev. HISTEDBR On-line*, v. 9, 2006. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/a-primeira-republica-as-escolas-graduadas-e-o-ideario-do-iluminismo-republicano>. Acesso em: 06 de jun. 2023.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*, volume 2. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1955.

DE PAULA HEY, Vanessa. *O “vazio cultural” ou o pré-modernismo em Antônio Candido*. *Revista de Letras*, v. 23, n. 43, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/14748>. Acesso em: 6 jun. 2023.

DIAS, Eurico José Gomes. *A Gazeta de Lisboa (1715-1760) enquanto paradigma da imprensa periódica portuguesa setecentista*. *População e Sociedade, CEPES*, volume 32, dez/2019, pp. 24-50.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2005

ESTEVES, João. Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1ª década do século XX. *Penélope*, N° 25, 2001, p. 87-112.

FEIJÓ, António, M. O Cânone. 1 ed. Lisboa: Fundação Cupertino de Miranda e Edições Tinta-da-China. 2020. Disponível em: [https://tintadachina.pt/wp-content/uploads/2020/10/Canone\\_final\\_ver\\_interior.pdf](https://tintadachina.pt/wp-content/uploads/2020/10/Canone_final_ver_interior.pdf).

FERREIRA, Laura Rodrigues. Relatório Final de Iniciação Científica. São Paulo: No prelo, 2022.

Fuvest divulga lista de obras literárias para os vestibulares de 2023 a 2026. Fuvest. Disponível em: <https://www.fuvest.br/fuvest-divulga-lista-de-obras-literarias-para-os-vestibulares-de-2023-a-2026/>. Acesso em: 06 de jun. 2023

GAZETA DE LISBOA. Em rodapé. N° 28, 17 ago. 1752, p. 476. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/gazetadelisboa/gazetadelisboa.htm>. Acesso em: 6 Jun. 2023.

GUSMÃO, Alexandre de. *Do especial cuidado que se deve ter na criação das meninas*. In. *Arte de criar bem os filhos na idade da Puerícia: dedicado ao minino de Belém JESU Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1685.

HELLMANN, Risolette Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. *A família colonial e a construção do Brasil: vida doméstica e identidade nacional em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nestor Duarte*. *Revista AntHropológicas*, v. 16, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23628/19283>. Acesso em: 07 de jun. 2023.

LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. *Mulheres para além de seu mundo*. Portugal: Bertrand, 1995.

Lista de Obras 2024 a 2026. COMVEST. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/lista-de-obras-2024-a-2026/>. Acesso em: 06 de jun. 2023.

LOPES, Dirceu Fernandes. *Resgate histórico do jornalismo brasileiro – parte 1: Dos primórdios até a Proclamação da República*. Memória da Imprensa. Unidade: Edição especial em comemoração aos 200 anos da Imprensa no Brasil. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria\\_imprensa/pdf/colaboracao\\_memoria\\_da\\_imprensa.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/pdf/colaboracao_memoria_da_imprensa.pdf). Acesso em: 6 jun. 2023.

LOPES, Maria Antónia. “IV: Novos papéis”, In. *Mulheres, espaço e sociabilidade: A transformação dos espaços femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985. p. 93-159.

MAZZOLA, RB. A formação dos cânones literários e visuais. In: O cânone visual: as belas-  
artes em discurso [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015. p. 29-68.  
Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bywgd>.

MONTEZ, Ceila. Obra Reunida: Teresa Margarida da Silva e Orta. Rio de Janeiro: Graphia  
Editorial, 1993. p. 82-195.

MOTTA, Arthur. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 1930.

MUZART, . L. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 85-93, 1995.  
Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>.  
Acesso em: 6 jun. 2023.

NEVES, Helena. Mulheres na Primeira Guerra Mundial: mudança e permanências. E  
OUTROS ENSAIOS, 2015.

REZENDE, Daniela Leandro. Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de  
Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. *Pensamento Plural*, n. 17, p. 07-27, 2016.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Vestígios da educação feminina no século XVIII em Portugal.  
São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2002, p. 28.

RIO, João do. *Lar de Artistas*. In: *Momento Literário*. H. Garnier-Livreiro Editor, 1908.

SANCHES, António Nunes Ribeiro. *Cartas para a educação da mocidade*. Porto: Domingos  
Barreira, 1922, p. 190.

SODRÉ, Neson. *História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de  
Janeiro: Editora Graphia, 2004. 10.ed..

SOIHET, Rachel. Comparando escritos: Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores. *Caderno  
Espaço Feminino*, v. 9, n. 10/11, p. 2002, 2001.

SOUSA, Moizeis Sobreira. Um breve atlas do romance português do século XVIII. *Via  
Atlântica*, São Paulo, N. 27, 327-71, Jun/2015, p. 357-71.

VERÍSSIMO, José. *Estudos da Literatura Brasileira: 5ª série*. 3. ed. São Paulo: Editora  
Itatiaia, 1977.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves  
e Co., 1916.

---

### Para citar este artigo

---

LOPES, Julia de Souza *et al.* Para um estudo da escrita feminina além do cânone: Teresa  
Margarida da Silva e Orta, Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida. *Miguilim – Revista  
Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 3, p. 114-138, set.-dez. 2023.



---

## Autoria

---

**Julia de Souza Lopes** é graduanda em Letras pela Universidade de São Paulo. E-mail: [julia.lopes14@usp.br](mailto:julia.lopes14@usp.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-9600-912X>.

**Leandro Estevam Gonçalves** é graduando em Letras pela Universidade de São Paulo. E-mail: [leo\\_estevam@usp.br](mailto:leo_estevam@usp.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-8663-426X>.

**Letícia dos Montes Melo** é graduanda em Letras pela Universidade de São Paulo. E-mail: [leticiamontes@usp.br](mailto:leticiamontes@usp.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-7520-9937>.

**Phablo Roberto Marchis Fachin** é Professor Associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: [phablo@usp.br](mailto:phablo@usp.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2283-3906>.